



A análise da espacialidade das mulheres trans e/ou travestis no município de Campinas/SP

Palavras-chave: Transsexualidade, Espacialidade, PBL.

Emanuely de Souza Silva, IG/PIBIC-EM – UNICAMP

Isabella Maria Sigrist Cezar, IG/PIBIC-EM – UNICAMP

Lucas Saraiva de Souza, IG/PIBIC-EM – UNICAMP

Graziela Morais Vasco, IG/PIBIC-EM – UNICAMP

Prof. Dr. Rafael Straforini (orientador), IG – UNICAMP.

OBJETIVOS DA PESQUISA

A presente pesquisa está inserida no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o Ensino Médio (PIBIC-EM) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e foi realizada no laboratório Ateliê de Pesquisas e Práticas em Ensino de Geografia (APEGEO), no âmbito do projeto intitulado “Viver a Cidade: A Construção do Raciocínio Geográfico a partir das Experiências Urbanas de Jovens do Ensino Médio”.

O projeto contou com a participação de quatro estudantes-pesquisadores do ensino médio, que investigaram a seguinte questão-problema: “O que a espacialidade das mulheres trans e/ou travestis revela no município de Campinas/SP?”

A pesquisa tem como objetivo investigar o modo como as mulheres trans e travestis constroem e vivenciam sua espacialidade no município de Campinas. Deste modo, recorreremos ao recurso cartográfico para analisar como o gênero, a identidade e a expressão dessas sujeitas evidenciam as marcas da desigualdade, da violência e, ao mesmo tempo, da afirmação de sua existência no município.

Considerando os espaços que ocupam, as relações sociais que estabelecem e as estratégias de pertencimento que desenvolvem, refletimos sobre as dinâmicas de exclusão, marginalização e restrição presentes na espacialidade desse grupo no território de Campinas.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia empregada na pesquisa foi o Problem-Based Learning (PBL), cuja tradução é Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP), e tem como objetivo colaborar para um processo de aprendizado mais ativo (Castelar e Moraes, 2016). As metodologias ativas são estratégias pedagógicas que incentivam a participação ativa do aluno e a construção do senso crítico acerca do que está sendo discutido.

De acordo com Castelar e Moraes (2016), a metodologia insere o aluno no centro do processo de aprendizagem. As questões estudadas por meio dessa metodologia estão presentes no espaço em que o estudante está inserido, sendo trabalhadas em grupo e organizadas em cinco etapas:

1. Definir o problema que será discutido;
2. Apresentar instruções sobre o problema;
3. Desenvolver soluções para a questão;
4. Analisar as soluções propostas;
5. Apresentar as teorias que fundamentam as soluções encontradas.

Durante as discussões em grupo, foram abordadas diversas questões vivenciadas e observadas na cidade de Campinas, sendo a LGBTfobia e a perseguição a grupos marginalizados os temas que mais nos chamaram a atenção. Encontrado o tema em comum relacionado às indagações presentes no grupo, chegamos na questão da espacialidade de mulheres trans e travestis em Campinas.

Aliada à utilização do PBL, serão utilizadas metodologias cartográficas para a realização das análises propostas. Nesse sentido, também foram desenvolvidas atividades alinhadas às metodologias ativas, como práticas pedagógicas e oficinas, entre elas, a caminhada pedagógica conduzida pelo Instituto Rotas Afro, oficinas de escrita e história da comunidade LGBTQIAPN+, além de atividades relacionadas ao método cartográfico, como a criação de mapas e a tabulação de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciamos o projeto refletindo sobre como o município de Campinas/SP e sua dinâmica espacial impactam a vida desses sujeitos, seja por meio da violência ou da exclusão de diferentes grupos sociais.

Entre as atividades desenvolvidas durante o projeto, destacaram-se a análise do documentário *Rolezinho: Made in Periferia*, da canção *Não Existe Amor em SP*, do rapper Criolo, e do artigo científico *O Impacto da Pandemia na Vida das Mulheres: A Distribuição da Violência de Gênero no Município de Campinas*.

Enquanto o documentário e a música nos instigaram a refletir sobre a vivência de jovens, especialmente a nossa própria, a leitura do artigo possibilitou uma melhor compreensão do projeto mais amplo do laboratório, vinculado ao PIBIC-EM.

Assim, foi com base nesse repertório introdutório que pudemos investigar como as vivências de luta de mulheres trans e travestis se conectam à história da cidade de Campinas/SP. Nesse contexto, tem se intensificado o debate sobre a inclusão desses sujeitos, com a identificação dos desafios e das oportunidades que enfrentam.

Durante os encontros semanais, as atividades foram iniciadas com uma imersão em diversos materiais audiovisuais e textuais, com o objetivo de explorar e delimitar um tema de pesquisa relevante e socialmente significativo para nós. Esses materiais nos proporcionaram uma primeira aproximação com as realidades sociais contemporâneas, e as obras estudadas foram fundamentais para ampliar nossa perspectiva enquanto pesquisadores, incentivando a análise crítica de questões sociais cotidianas, muitas vezes relativizadas, como a invisibilização e a marginalização de minorias.

Após o recesso do final de 2024, participamos do projeto *Rotas Afro*, uma experiência imersiva na cultura afro de Campinas/SP que transcende a temática da população negra, englobando aspectos históricos e sociais, como a nomenclatura de espaços públicos, personalidades e localidades históricas. A proposta é pautada no enfrentamento ao apagamento histórico, demonstrando a construção do conhecimento por meio de caminhadas no centro urbano do município.

Posteriormente com a elaboração dos nossos Relatórios Parciais, aprofundamos nossos conhecimentos sobre a temática da comunidade LGBTQIAPN+, com o intuito de estudarmos a história dessa comunidade e discutimos conceitos como identidade e expressão de gênero, orientação afetivo-sexual e suas nomenclaturas e uma linha do tempo com momentos importantes para a comunidade ao decorrer dos anos.

Além de analisarmos dados informativos sobre a população trans e travesti no Brasil, por meio do Censo Trans, aprendemos a interpretar informações apresentadas em tabelas e gráficos, o que auxiliou na coleta e sistematização de dados para o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Em seguida, participamos de uma oficina, ministrada por Armando Martinelli, com o tema “Semear Outros Mundos: Narrativas Fabuladas”. Nessa atividade, estudamos os diferentes gêneros textuais e realizamos exercícios voltados para a prática da escrita para além da formalidade acadêmica. Sendo assim, acreditamos que esta atividade foi essencial para maior entendimento sobre a formulação de um texto e possibilidades de expansão de conhecimento sobre o assunto.

Refletindo sobre o nosso tema de investigação, as lutas por garantia de direitos e reconhecimento da existência da comunidade trans, em especial das mulheres trans e travestis, foco desta pesquisa, permeiam questões econômicas, sociais e culturais, além da urgência em reduzir os elevados índices de violência que ainda afetam esse grupo. Em 2024, foram registradas cerca de 122 mortes, o que representa uma redução de 16% em relação ao ano anterior (CNN Brasil, 2025).

No entanto, como apontado em pesquisa realizada pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), os números continuam alarmantes, sendo o Brasil o país que mais mata pessoas trans há 14 anos consecutivos. A maioria dos casos corresponde a pessoas jovens, negras, pobres e oriundas da região Nordeste do país. Esses dados também denunciam a redução da expectativa de vida dessa população para até 35 anos, em comparação com a média nacional de 76,4 anos, segundo o Censo do IBGE de 2024.

Durante a realização desta pesquisa, a Universidade Estadual de Campinas passou pelo processo de aprovação das Cotas Trans, além de promover diversas atividades voltadas à discussão sobre a vivência da comunidade trans. Em uma dessas atividades, organizada pelo Núcleo de Consciência Trans (NCT), ocorreu a mesa-redonda “Política de Cotas e Ações Afirmativas para Pessoas Trans no Ensino Superior de São Paulo”. Esse evento nos apresentou pontos relevantes acerca do tema, incluindo contribuições importantes de organizações não governamentais (ONGs).

Compreendemos, por meio dos relatos das palestrantes, a luta dessas mulheres para conquistar o direito de estudar, acessar espaços públicos de convivência e ampliar suas vozes em um grito por liberdade e reconhecimento de seus direitos enquanto mulheres trans. As palestras, assim como outras leituras e pesquisas realizadas ao longo do projeto, foram fundamentais para o desenvolvimento de uma compreensão crítica sobre as formas de organização social dessas mulheres em espaços historicamente excludentes.

Nesse contexto, a Unicamp tornou-se a primeira universidade pública estadual a instituir cotas para pessoas trans, um avanço significativo, ainda que conquistado com muito esforço. Em uma das palestras que assistimos, realizada por integrantes do grupo Ateliê TransMoras, coletivo vinculado à Unicamp que atua com pessoas trans e indígenas dentro da universidade, ficou evidente que a implementação das cotas foi resultado de inúmeros debates e reuniões. Foi necessário lutar intensamente por algo que deveria ser considerado básico: o direito à educação.

O NCT foi o órgão responsável por estruturar a proposta e acompanhar o processo de aprovação das cotas, em diálogo constante com o Ateliê TransMoras. Essa conquista representa um marco fundamental, que pode abrir caminhos para que mais mulheres trans tenham acesso ao ensino superior e possam ocupar esses espaços com liberdade e dignidade.

Em seguimento à pesquisa, realizamos o mapeamento de alguns locais de acolhimento na cidade de Campinas que atendem e incluem a comunidade trans, organizando-os em diferentes categorias:

- Assistência Social: inclui espaços como o Centro de Referência LGBT, que oferece atendimentos psicoterapêuticos individuais e em grupo, além de encaminhamentos e apoio social.
- Saúde: abrange unidades como o Centro de Saúde Santos Dumont, que realiza atendimentos voltados à população trans e travesti, com serviços como a reposição hormonal e outros cuidados necessários para a promoção de saúde integral.
- Lazer: os Ballrooms se destacam como espaços de inclusão de corpos trans, nos quais são expressas manifestações culturais e reafirmadas identidades de gênero e sexualidade.
- Casas de Passagem: a Casa sem Preconceito é um exemplo importante, oferecendo abrigo e acolhimento a pessoas trans em situação de vulnerabilidade, marginalização e insegurança social.

- Grupos de Apoio: o Núcleo de Consciência Trans promove diversas ações em defesa da comunidade trans, como palestras, rodas de conversa, eventos de conscientização e manifestações políticas.
- Diversão e Cultura: espaços como o Ateliê TransMoras exercem papel fundamental ao promover mudanças sociais por meio da arte e da cultura, incentivando a autonomia de pessoas trans e travestis sobre seus direitos, corpos e territórios.

Por meio do mapeamento, observa-se uma concentração destes locais no Centro de Campinas, enquanto que em outras áreas da cidade se mostram mais escassos, isso traz uma reflexão da necessidade de áreas que não possuem uma maior concentração destes espaços.

Além disso, vale acrescentar que majoritariamente não são focados especificamente para pessoas trans, mas as mesmas são igualmente acolhidas. Por exemplo, os cursinhos estão enquadrados como locais essenciais para o acesso da população trans às universidades. Sendo estes, um apoio para com as pessoas que não tiveram oportunidade de uma educação que possibilite a entrada em uma instituição de Ensino superior.

CONCLUSÕES

A pesquisa proporcionou debates importantes sobre os objetos espaciais da cidade de Campinas-SP com destaque aos coletivos, cursinhos e ongs que localizamos em um mapa. Com base nessa espacialização cartográfica, verificamos que espacialidade de mulheres trans e travestis está relacionada à visibilidade, segurança e resistência dentro do contexto urbano. Quanto a metodologia que fizemos uso, o PBL proporcionou o desenvolvimento com rigor teórico metodológico na pesquisa, fomentando a autonomia na busca por informações e o desenvolvimento do olhar crítico sobre temas sociais que, muitas vezes, passam despercebidos na sociedade e no próprio fazer científico da pesquisa acadêmica.

Dentre os procedimentos de sistematização do repertório da temática que investigamos, os fichamentos auxiliaram a destacar e registrar partes importantes de livros e artigos que nos apoiaram nesta investigação. Vale mencionar que também fizemos buscas e leituras de pesquisas e notícias relevantes ao tema, bem como, realizando um mapeamento e tabulação de informações e serviços acerca da questão-problema, havendo o mesmo propósito de nos auxiliar na realização do projeto. Sendo assim, vale a pena retomarmos a questão-problema desta investigação: “O que a espacialidade das mulheres trans e travestis revela na territorialidade do município de Campinas/SP?”.

Foi com base nesse tensionamento discursivo e das experiências vividas por nós, sejam nas leituras e debates realizados em grupo, ou nas palestras que ouvimos atentamente, que defendemos a existência de um diálogo direto entre governantes campineiros com as comunidades locais, sobretudo as localizadas em contextos descentralizados, pois, é a partir dessa atuação que possibilitará novos atravessamentos identitários, comprometidos com o bem estar da comunidade que investigamos. Embora nosso papel nesta investigação não seja de trazer enunciados prontos e fechados acerca de tal espacialidade, evidenciar informações sobre a territorialidade e outras, torna-se oportuno para entender mais a fundo sobre os espaços de acolhimento e vivências de mulheres trans e travestis em Campinas/SP, fomentando um debate ético e democrático sobre sensação de segurança, educação, moradia, emprego e saúde.

Portanto, defendemos que é através da educação, com destaque a atuação da Educação Básica e Ensino Superior no Brasil, que faça valer a mobilização de um debate democrático frente às desigualdades expressas nesta pesquisa. Ou seja, concluímos nesta etapa da investigação que os coletivos e outras entidades da cidade de Campinas/SP buscam ao seu modo, dar voz às mulheres trans e travestis o sentido de qualidade de vida através de oferecimento de serviços em que perpassam o sentido de acolhimento.

BIBLIOGRAFIA

CASTELAR, Sônia Maria; MORAES, Jerusa Vilhena. Metodologias Ativas: Resolução de problemas.. 1. ed. São Paulo: Ftd, 2016. ISBN 978-85-96-00789-4.

CNN BRASIL. Brasil é o país que mais mata pessoas trans e travestis, aponta dossiê. CNN Brasil, 27 jan. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-e-travestis-aponta-dossie/>. Acesso em: 28 jul. 2025.

GOMES, Paulo César da Costa. Quadros Geográficos: Uma forma de ver, uma forma de pensar. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

SILVEIRA, Maria Laura. Uma situação geográfica: Do método á metodologia. Revista TERRITÓRIO, ano IV, nt1 6, jan./jun. 1999.

VASCONCELOS, Caê. Pelo 14 ano, Brasil é o país que mais mata pessoas trans; foram 131 em 2022. UOL, São Paulo, 26, janeiro de 2023. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/1/26/mortes-pessoas-trans-brasil-2022.htm>. Acesso em: 07 de março de 2025.